Que peixe teremos à nossa mesa?

Numa vila Alentejana, numa mesa bem portuguesa, encontrámos a família Silva numa animada conversa e prontos para saborear um bom almoço.

O filho Pedro senta-se e repara que no prato está o peixe que pescou com o pai, na barragem, no dia anterior e perguntou-lhe:

- Pai, como se chama este peixe?
- É um achigã, - respondeu o pai.
- Sabes pai, ontem na escola comemos bacalhau assado no forno e a professora explicou-nos que o bacalhau é um peixe encontrado nas águas frias do Pólo Norte, na região da Noruega e da Islândia. Ele é pescado e salgado logo em alto mar para durar mais tempo. E o achigã, de onde veio, pai? - perguntou novamente Pedro.

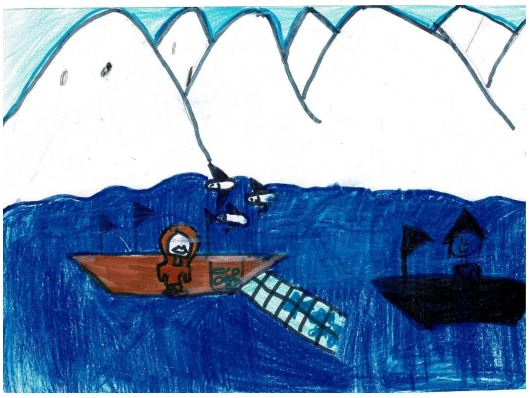
- Olha Pedro, é um peixe de água doce, originário do sul do Canadá e a norte dos Estados Unidos da América que foi introduzido na Europa no séc. XIX. Em Portugal foi introduzido pela primeira vez em 1898, na Lagoa das Sete Cidades, nos Açores. No Continente só em 1952 e adaptou-se muito bem, espalhando-se rapidamente por todas as bacias hidrográficas, em particular a sul do Rio Tejo. Como vês, este é um peixe de água doce, e em Portugal está protegido por defeso, sendo a sua pesca interdita entre dia 15 de março e dia 15 de maio.
- Pai, o que é o *defeso*?- perguntou o Pedro.
- Época em que é proibido pescar. - respondeu o pai.
- Mas qual o motivo pelo qual não podemos pescar?
- Nessa altura o achigã está a reproduzir-se e é necessário garantir a continuidade desta espécie.- explicou o pai.
- Eu gostaria de voltar a ir à pesca, podemos ir no próximo fim de semana? - perguntou o Pedro.
- Sim, podemos aproveitar, pois no sábado é o último dia em que é permitido fazê-lo.

A família conjuntamente preparou um pequeno piquenique e o material para a pesca: anzol, isco, cana de pesca, boia, carreto, balde,...

No dia seguinte:

- Chegou o dia! - disse entusiasmado o Pedro todo equipado com a mochila, boné e tudo o que o tornava num grande pescador.

Ao chegarem à Barragem da Rocha, olhando pela janela do carro, a sua irmã Sofia, viu que havia tão pouca água e disse:



- Será que ainda há achigãs?
- Espero que sim… - disse o Pedro um pouco preocupado.

Enquanto pescavam visualizaram que todos os peixes eram demasiado pequenos, decidiram devolvê-los à água e terminar a pescaria.

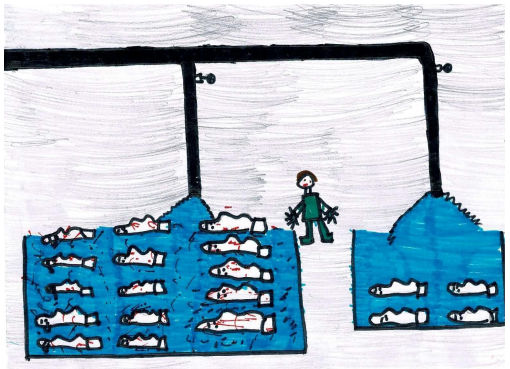
Seguidamente foram lanchar e ao deliciarem-se com uns maravilhosos pastéis de bacalhau, a mãe questionou:

- Será que vamos ter bacalhau por muito tempo?

A Sofia de imediato respondeu à mãe:

- Na escola, ao ver um vídeo sobre a pesca dos bacalhoeiros, com enormes redes, as organizações ambientais defendiam que a espécie está a ser capturada em quantidade excessiva, tornando difícil a sua reprodução.

Entretanto, o Pedro quis partilhar com a Sofia alguns conhecimentos sobre as características do bacalhau e do achigã, pois cada um deles pertence a habitats distintos. Enquanto, o achigã vive em água doce (temperada e parada) e em pequena profundidade, já o bacalhau vive em água salgada (fria e escura) e em grande profundidade no oceano.



De imediato, o pai do Pedro decidiu intervir, para alertar para o risco das espécies (vias de extinção), dizendo:

- Pedro, estes peixes estão em risco por variadas razões: devido à captura excessiva, à poluição dos mares e oceanos, através da acumulação dos lixos que abundam nas águas; alteração do clima, aquecimento global,…

A mãe, que escutava atentamente a conversa, decidiu participar nela:

- Atualmente, assistimos a algumas alternativas do pescado, para garantir a continuidade das espécies de forma controlada, por exemplo através da aquicultura.
- Assim contribuímos para uma melhor sustentabilidade do planeta e para reduzir a nossa "*pegada ecológica*"! – exclamou o Pedro, um menino sempre curioso e preocupado com a Mãe-Natureza.

Ouvindo isto, Sofia ficou curiosa, sem perceber bem o que o irmão dissera:

- Explica-me lá melhor, o que é que significa a "*pegada ecológica*". – pediu a Sofia, sem fazer ideia do que se tratava.
- A "pegada ecológica" é uma expressão criada para representar a relação entre o consumo que todos nós fazemos, a exploração e utilização dos recursos naturais, e a capacidade do planeta em repô-los de forma natural. - respondeu o Pedro.

- Então, significa que cada um de nós é responsável pela nossa pegada. E se todos juntos contribuirmos para o bem-estar do planeta Terra, estaremos a garantir a biodiversidade das espécies (riqueza e variedade natural). Por isso, devemos refletir sobre as nossas escolhas e moderar as nossas ações no dia-a-dia. – concluiu a mãe.

- É bem verdade. - disse o pai.

- Vocês sabem que o consumo de peixe não sustentável é uma das principais ameaças à biodiversidade marinha. Hoje em dia, 90% dos stocks de peixe encontram-se completamente explorados, sendo que a pesca intencional ou acidental de peixes ainda pequenos, contribui muito para o problema, não permitindo a sua reprodução.

- Mas não só. - interveio a mãe. A pesca excessiva, as alterações climáticas, a poluição dos rios e oceanos são outros dos problemas que prejudicam os peixinhos. Certamente que vocês na escola já ouviram falar do microplástico?

- Sim, já ouvimos. - responderam o Pedro e a Sofia.

- O professor de Ciências disse-nos que o microplástico é um material muito poluente para os oceanos, pois são partículas de plástico, bem discretas, minúsculas, que são misturadas nas águas. Esse tipo de material é comido pelos peixes, ou por organismos que lhes servem de alimento e eles ficam contaminados. Alguns até morrem.

- E nós, que também comemos os peixes, se calhar somos afetados! - disse a Sofia com um ar inquieto.

- Só de pensar que essas pequenas partículas constituem um risco muito elevado, dado que podem infiltrar-se na corrente sanguínea, no sistema linfático e chegar ao fígado, fico muito preocupado. - murmurou o Pedro mostrando-se muito pensativo.

Vendo os seus filhos muito preocupados com este problema, a mãe disse-lhes:

- Calma meninos! Felizmente há vários países, incluindo o nosso, a adotar medidas para reduzir o consumo e a dependência do plástico. Promovendo alternativas ecológicas como a utilização de materiais inovadores para reduzir o impacto do plástico.

Estavam tão entusiasmados com esta conversa, que nem deram conta que estava a anoitecer. Rapidamente, arrumaram os seus equipamentos de pesca e o que restou do piquenique. Verificaram que estava tudo limpo e apanharam algum lixo que por lá havia. Regressaram a casa cansados e muito preocupados com o estado atual do nosso planeta TERRA, tomando consciência de que todos teremos que repensar os nossos hábitos e sensibilizar as gerações futuras.

Peixe à mesa, com certeza!